

A CoP-26 é a realidade, não um exercício

Martin Wolf

Valor, 20/10/2021

É essencial se concentrar no que precisa ser feito agora

O último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) confirma que as atividades humanas têm um efeito profundo no clima. Mas, de forma mais animadora, o relatório *World Energy Outlook 2021* (perspectivas para a energia mundial) da Agência Internacional de Energia (AIE) mostra que sabemos o que fazer a respeito, em detalhes consideráveis e a um custo acessível. No entanto, não estamos fazendo o que deveríamos e, portanto, as emissões de gases de efeito estufa continuam a aumentar. Isso mudará na 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (CoP-26), em Glasgow? Eu duvido.

Não é mais necessário debater a ciência sobre as mudanças climáticas provocadas pelo homem. O que é essencial é se concentrar no que precisa ser feito agora. Sobre isso, o *World Energy Outlook 2021* é perfeitamente claro.

O relatório identifica quatro cenários: “políticas declaradas” (Steps, na sigla em inglês), que consiste nas políticas correntes dos governos; “promessas anunciadas” (APS), que pressupõe que todas as promessas serão cumpridas na íntegra e dentro do prazo; “desenvolvimento sustentável” (SDS), que são as metas de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas; e, por último, “emissões líquidas zero até 2050” (NZE), que significa exatamente o que está escrito.

O cenário Steps apenas estabiliza as emissões, o que garante temperaturas cada vez mais elevadas. Mesmo o APS só reduziria as emissões para 20 gigatoneladas de CO₂ por ano até 2050. Em ambos os cenários, as temperaturas continuariam a subir. O NZE significaria zerar as emissões líquidas até 2050 e um aumento médio da temperatura de 1,5° Celsius acima dos níveis pré-industriais, mas também precisaria cortar as emissões mundiais em pelo menos 40% até 2030.

Estamos diante de uma situação difícil e inusitada: revolucionar o sistema de energia tornou-se uma necessidade. Mais ainda, a AIE insiste em que essa revolução é de fato tecnicamente viável e a um custo acessível. Só é preciso vontade. Em uma geração, precisamos mudar para uma nova economia energética cujas linhas gerais são claras e que já é em grande parte exequível do ponto de vista técnico. O núcleo do novo sistema seria a eletricidade gerada por fontes de energia renováveis. E embora a eletrificação seja a chave, outras fontes de energia seriam necessárias, especialmente hidrogênio e bioenergia, para alguns usos industriais e de transporte. Muitos insistem em que a eletricidade nuclear também teria um papel necessário.

O mundo exigirá uma enorme aceleração na oferta de eletricidade limpa na próxima década. Mas também serão necessárias imensas melhorias na eficiência energética, na redução de vazamentos de metano - um gás de efeito estufa poderoso - e na inovação, especialmente nos setores de difícil redução de emissões. O que é crucial é que a transformação deve ser mundial. Em última instância, a batalha será vencida ou perdida nos países emergentes e em desenvolvimento, que têm o crescimento mais rápido de população e da demanda por energia. Hoje, por exemplo, quase 770 milhões de pessoas vivem sem eletricidade.

A inovação terá um papel fundamental. Precisamos, acima de tudo, aprender a gerir os novos e complexos sistemas de eletricidade. Isso exigirá tecnologias digitais que, por sua vez, precisarão ser resistentes a ataques cibernéticos. Também será importante a inovação em processos industriais. Entre as novas tecnologias necessárias estão baterias avançadas, eletrolisadores de hidrogênio, biocombustíveis avançados e inovações para a captura e uso de CO₂. Isso demandará grandes investimentos em pesquisa e desenvolvimento.

Tudo isso exigirá enormes investimentos tanto do setor público quanto do privado, que será guiado pelos incentivos e regulamentações certos. O padrão de investimento em energia será transformado, de combustíveis fósseis para baterias. De acordo com o World Energy Outlook 2021, o investimento relacionado à transição para as emissões zero precisará chegar a US\$ 4 trilhões por ano até 2030, do cerca de US\$ 1 trilhão atual. Este grande investimento será compensado parcialmente por despesas operacionais mais baixas: a AIE argumenta que no cenário NZE em 2030 e 2050 o valor médio das contas de energia residenciais deveriam na verdade ser mais baixas do que no cenário Steps de não fazer nada.

O maior desafio será financiar o investimento necessário, especialmente nos países emergentes e em desenvolvimento (à exceção da China). Os bancos multilaterais de desenvolvimento precisarão ter um papel de liderança. Mas grande parte desse esforço precisará ser dirigido para a catalisação de investimentos privados. Também será fundamental fornecer o know-how necessário para que os países em desenvolvimento deem o salto para a nova economia energética. No entanto, o carvão ainda é o combustível dominante para a geração de eletricidade em muitos países emergentes e em desenvolvimento. Abandoná-lo será um duro desafio.

Embora pareça existir um caminho claro para uma economia energética de emissões zero, ele é bastante difícil. Difícil do ponto de vista técnico e ainda mais difícil politicamente. No primeiro caso, o relatório expõe a complexidade de introduzir um sistema radicalmente novo, em que alguns detalhes operacionais ainda não estão claros, e ao mesmo tempo garantir que famílias e empresas continuem a ter a energia de que não só precisam, como insistirão em ter. No último caso, a preocupação mais urgente dos governos deve ser exatamente esta: iluminação, aquecimento, refrigeração e transporte não são coisas “agradáveis de ter”. Se se tornarem indisponíveis ou inacessíveis para as pessoas acostumadas a tê-las, elas reagirão com uma fúria incandescente.

Nosso problema atual com os preços elevados de energia é um alerta grave. Para que essa revolução energética aconteça, ela deve ser planejada e executada com uma compreensão tanto das suas muitas complexidades como dos riscos de uma forte reação política negativa caso dê errado.

Como enfatiza o relatório da AIE, os governos precisam ter um papel central em lidar com essa enorme externalidade mundial. Eles só poderão criar a estrutura política para uma mudança tão grande no comportamento privado se agirem cooperativamente. A CoP-26 pode ser a última chance de colocar a humanidade no caminho de zerar as emissões líquidas até 2050. Se os governos não apostarem nisso agora, é provável que a transição não aconteça com a escala e a velocidade necessárias. É uma responsabilidade imensa, e uma tarefa não menos imensa. Os governos não têm outra opção decente que não seja responder à altura. **(Tradução Lilian Carmona)**